

Aula 10

WILLIAM SHAKESPEARE VISTO PELOS BRASILEIROS

META

Apresentar o modo como a historiografia da literatura inglesa representa Shakespeare e suas obras.

OBJETIVOS

Ao final da aula o(a) aluno(a) deve ser capaz de:
Compreender o modo como a obra de Shakespeare, como cânone maior da literatura inglesa, foi representada pelos manuais brasileiros de literatura inglesa publicados no país até meados do século passado.
Familiarizar o aluno com a leitura de fragmentos da poesia de Shakespeare.

PRERREQUISITOS

Noções históricas do Renascimento e do período elisabetano inglês.
Noções históricas da literatura elisabetana.

Luiz Eduardo Oliveira

INTRODUÇÃO

Nesta aula, iremos conhecer o modo como Shakespeare e suas obras foram representados nos livros de história da literatura inglesa produzidos e publicados no Brasil para o ensino secundário. Foram livros direcionados para o público estudantil numa época em que a literatura inglesa ainda não era uma disciplina acadêmica, uma vez que no Brasil os cursos de Letras anglo-germânicas só começaram a ser fundados na década de 1940. O material foi resultante de uma pesquisa de Mestrado na área de Teoria Literária.

Quatro foram os critérios estabelecidos para delimitar o corpus do trabalho:

1) o da **nacionalidade**, segundo o qual são admitidas apenas as obras produzidas no Brasil e dirigidas ao público brasileiro;

2) o do **meio de publicação**, que faz com que sejam selecionados apenas os textos publicados em livro, excluindo-se os artigos e ensaios de jornais ou periódicos, bem como teses e demais trabalhos acadêmicos não publicados;

3) o do **gênero historiográfico**, que restringe nosso interesse às narrativas panorâmicas, em contraposição aos textos monográficos que tratam de uma obra ou autor específico;

4) e o da **data de publicação**, conforme o qual são considerados apenas os livros publicados durante o período coberto pela dissertação (1809-1951).

Assim, foram utilizadas as obras que, obedecendo aos pré-requisitos anteriores, se enquadram nas seguintes categorias:

a) **história da literatura universal**, representada pelos panoramas completos de várias literaturas, mesmo quando não dão conta de todo o “universo”, a exemplo do Resumo de História Literária (1872), do Cônego Fernandes Pinheiro; Lições de Literatura (1909), de Leopoldo de Freitas; Literaturas Estrangeiras (1931?), de F.T.D.; Noções de História de Literatura Geral (1932), de Afranio Peixoto; História Universal da Literatura (1936), de Estevão Cruz; Literaturas Estrangeiras (1936), de A. Velloso Rebello; História da Literatura Universal (1939), de Walter Fontenelle Ribeiro; História da Literatura (1940), de José Mesquita de Carvalho; e Noções de História das Literaturas (1940), de Manuel Bandeira;

b) **história da literatura inglesa**, representada pelos livros que historiam a literatura inglesa das origens até o momento da publicação da obra, sendo também incluídos nesta categoria prefácios de antologias panorâmicas e narrativas que incluem a literatura norte-americana como apêndice, como Origens da Língua Inglesa – sua literatura (1920), de Oscar Przewodowski; English Literature (1937) de M.S. Hull e Machado da Silva; e An Outline of English Literature (1938), de Neif Antonio Alem.

RESUMO DE HISTÓRIA LITERÁRIA (1873)

Primeiro compêndio brasileiro de história da literatura universal, o *Resumo de História Literária*, do Cônego Fernandes Pinheiro, é a refundição do seu anterior *Curso de Literatura Nacional* (1862), feita para atender às alterações do programa de literatura do Colégio de Pedro II, modificado pelo Decreto n.º 4.468, de 1.º de fevereiro de 1870, expedido pelo então Ministro do Império, o conselheiro Paulino de Souza. Com o novo regulamento, a cadeira de retórica, antes restrita, no sétimo ano, ao estudo da “poética” e da “literatura nacional” – este um rótulo adotado com a reforma do ministro Souza Ramos, através do Decreto n. 2.883, de 1.º de fevereiro de 1862, mesmo ano da primeira publicação do *Curso de Literatura Nacional* –, passou a abranger também a “história da literatura geral”, o que fez com que se instituisse, pela primeira vez no Brasil, o ensino das literaturas estrangeiras modernas.

A história da literatura inglesa (Livro Sexto – p. 245-311) é contada desde suas “origens”, com “a ode sobre a vitória de Athelstan, conservada por Hickey no seu Tesouro e vertida por Warton em inglês moderno”, até o período vitoriano, contemporâneo do autor, sendo Thomas Carlyle o último escritor abordado. Divisão periodológica adotada pelo autor: a) primeiro período: sécs. XI-XV (p. 247-252); b) segundo período – primeira época: séc. XVI (p. 252-260), segunda época: séc. XVII (p. 260-270); c) terceiro período: séc. XVIII (p. 270-296); d) quarto período: séc. XIX (p. 296-311).

O estudo das diferentes épocas se faz por gêneros, divididos estes segundo o seguinte critério: “poesia lírica”; “poesia descritiva”; “poesia dramática”; “poesia herói-cômica” e “poesia didática”, o que não impede o autor de destacar também “a oratória”; “a eloquência”; “a moral e crítica literária”; “a filosofia” e “a história”. É curioso observar que no livro do Cônego a necessidade do conhecimento de tal literatura se justifica pelo “progresso do seu comércio e indústria”, bem como pela divulgação da sua língua “por todos os portos do globo habitado” – ou seja, pelos mesmos motivos que levaram o inglês a ser incluído no currículo dos estudos secundários no Império:

Pelas rápidas considerações que acabamos de fazer, intuitivo é que a língua e a literatura inglesas são de procedência germânica; seu estudo porém se torna de absoluta necessidade, ainda para os povos da raça latina, atento o maravilhoso progresso do seu comércio e indústria, pelo qual divulgou-se essa língua por todos os portos do globo habitado, e os nomes dos seus grandes escritores chegaram ao conhecimento de todos (PINHEIRO, 1873, p. 246).

O Cônego Fernandes Pinheiro não esconde as fontes de que se serve, citando sempre ao rodapé as obras e autores em que sua narrativa se baseia. No caso da literatura inglesa, as referências indicam sua atualização a respeito da matéria, levando-se em conta o ano da primeira publicação de sua obra (1872): a *Histoire de la Littérature Anglaise* (1863-64), de Hippolyte Taine, e *Études de Littérature Ancienne et Étrangère* (1857), de Abel François Villemain: “com franqueza e lealdade citamos os mananciais onde fomos saciar a nossa sede de saber, e, como a abelha, sugamos de todas as flores o suco que mais nos aprouve” (PINHEIRO, 1873, p. 1).

Dois fatos intrigantes, porém, ocorrem na sua “enumeração e rápida análise das produções literárias” inglesas. Um deles é a ausência, no capítulo dedicado às “origens”, de *Beowulf*, poema épico pagão escrito em inglês arcaico que, como já foi dito, é geralmente tido como obra inaugural da literatura anglo-saxônica. O outro, já no “primeiro período”, é o fato de Chaucer, a quem é dedicada apenas meia página (p.250), ter menos destaque do que seu contemporâneo John Gower (p. 250-251), quando a grande maioria das histórias da literatura inglesa, principalmente as nativas, denominam o séc. XIV – período em que viveram os dois escritores – de “Age of Chaucer”.

No tópico dedicado à era de Isabel (séc. XVI) – monarca que, segundo o autor, “mereceu que seu nome fosse associado ao do século” –, “primeira época” do “Segundo Período” da literatura inglesa (p. 252-260), podemos notar o vigor das noções taineanas de “raça”, “meio” e “momento histórico”, utilizando-se o Cônego da mesma expressão usada pelo historiador francês para o definir período – “renascimento do gênio saxônio”:

Transplantado para climas e raças diversas recebe o paganismo de cada uma delas o cunho característico: e torna-se inglês na Inglaterra: porque o renascimento inglês é o do gênio saxônio. Recomeça então a invenção, e a manifestação desse gênio; ora, assim como uma raça latina não pode inventar senão exprimindo idéias latinas, uma raça saxônia não pode proceder senão de um modo análogo (PINHEIRO, 1873, p. 252).

No gênero “poesia lírica”, são abordados Spenser (p. 253-254) e Sidney (p. 253). Do primeiro, são citados o *Calendário do Pastor*, “escrito em versos de diferentes metros” e publicado quando o autor era “já mestre em artes pela universidade de Cambridge”, e *A Rainha das Fadas* – “romance em verso dedicado a Isabel, que lho remunerou com uma pensão” – obra que, segundo o Cônego, pela “sua originalidade e opulência de imaginação”, “só acha rival no *Orlando* de Ariosto”. Do segundo – Sidney –, que é colocado “a par de Spenser e Shakespeare” no seu esboço biográfico, são mencionadas duas obras: *Defesa da Poesia e Astrophel e Stella*.

Dois são os representantes da “poesia descritiva”: Drayton (p. 254-255), autor de *Polyalbion*, de “algumas pastorais” e de “uma crônica rimada

apelidada *Mortemyriados*, ou *Guerra dos Barões*”, e Fletcher (p. 255), que “seguiu os passos do precedente na sua Ilha Purpúrea ou Ilha do Homem”.

Ao tratar da “poesia dramática” (p. 255-260), o autor conta a história do drama inglês, desde “a primeira peça de que se tenha conhecimento”, o *Milagre de Santa Catarina* – “representado em Dunstable em 1119” –, passando pelas “Moralidades” – “sátiras burlescas dos costumes da época, ou grosseiros ataques contra a religião” –, pela primeira comédia “digna desse nome”, *Ralph Royster Doyster*, escrita por Nicholas Udall ainda no reinado de Henrique VIII (1550), pela primeira tragédia, *Gorboduc* ou *Ferrex e Porrex*, “escrita em 1562 por Sackville e Morton”, até o teatro elisabetano, quando é citado Marlowe, “o mais célebre dramaturgo dessa primeira época de tentativas e ensaios”. Assim, o rigor cronológico não impede o autor brasileiro de realizar “flashbacks” temporais em favor da história do gênero em questão – o que também ocorre, como foi visto, na obra de Taine.

Mas é Shakespeare (p. 256-259) “o verdadeiro criador da cena inglesa”, de cujas “trinta e seis peças” – escritas “de 1589 a 1614” – são citadas apenas cinco: *Macbeth*, *Ricardo II*, *O Rei Lear*, *Hamleto* e *As Comadres de Windsor*, que “goza dos foros de sua primeira comédia”. Depois de um longo parágrafo no qual é traçada uma curiosa biografia do bardo inglês, do seu casamento “aos dezoito anos com uma mulher mais velha do que ele oito anos” à direção, confiada por Jaime I, do teatro Blackfriars – posição “que conservou até que, sentido-se velho e cansado, retirou-se para seu país natal [sic], onde pouco depois sucumbiu aos ataques de graves enfermidades” –, Fernandes Pinheiro o coloca em pé de igualdade com alguns dos seus contemporâneos, desmitificando um pouco a sua figura:

Mais feliz do que Dante não precisou Shakespeare criar uma língua para traduzir seus pensamentos; Marlowe, Ben Jonson, Spenser e alguns outros haviam mostrado que o idioma inglês podia exprimir desde as mais graciosas idéias até as mais sublimes concepções. A originalidade de Shakespeare está toda no seu sistema dramático, diverso do da antiguidade (PINHEIRO, 1873, p. 257).

Comentando a sua veia cômica, o professor do Imperial Colégio de Pedro II o coloca abaixo do dramaturgo francês Molière, o que nos remonta às freqüentes comparações entre os dois escritores feitas por Taine na sua *Histoire de la Litterature Anglaise*: “na espécie cômica inferior é o talento de Shakespeare, e, conquanto os críticos ingleses o queiram fazer rival de Molière, grande é a distância que os separa, cabendo toda a superioridade ao cômico francês” (PINHEIRO, 1873, p. 258).

Mesmo assim, o autor termina o tópico sobre Shakespeare reconhecendo que o escritor inglês “possuiu todos os predicados do verdadeiro gênio”, ressaltando sua condição de “um dos antepassados do romantismo” e traduzindo um longo parágrafo elogioso de Taine:

Shakespeare (diz H. Taine) imagina com superabundância; derrama metáforas com profusão; a cada instante as idéias abstratas se convertem em imagens; e uma série de pinturas que se desdobra a seus olhos. Não as procura, antes por si próprias se apresentam: se condensam nele; cobrem-lhe os raciocínios, e ofuscam com seu brilho a pura luz da lógica. Não se fadiga em explicar, ou provar: quadro sobre quadro, imagem sobre imagem, copia sem usar as estranhas e esplêndidas visões que se geram em sua esclarecida fantasia. O estilo compõe-se de expressões furibundas; e parece que jamais, em língua alguma, houve homem que submetesse os vocábulos a tão cruciantes torturas (PINHEIRO, 1873, p. 259).

LIÇÕES DE LITERATURA (1909)

Com a promulgação do Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário – Decreto n.º 3.890, de 1.º de janeiro de 1901, assinado pelo ministro Epitácio Pessoa –, o curso do então Ginásio Nacional foi reduzido para seis anos, incorporando-se o estudo das literaturas estrangeiras ao programa de “português”, agora dedicado, nos dois últimos anos, à “literatura”. Tal redução de carga horária – e, conseqüentemente, do conteúdo da disciplina –, se acha muito bem refletida em *Lições de Literatura*, opúsculo de noventa e três páginas escrito por Leopoldo de Freitas – professor do Ateneu Literário-Científico do Chile que havia ministrado as aulas de literatura do quinto ano do Ginásio Nacional em 1908 – e publicado pela primeira vez em 1909.

À literatura inglesa são dedicadas apenas sete páginas: cinco na Lição VIII (p. 45-49), onde é traçado um breve panorama da “época da rainha Elizabeth” – “que é ao mesmo tempo a aurora de aspirações e de novas conquistas para o desenvolvimento que tiveram as instituições sociais” (p. 45) – até o “período da rainha Ana”, e duas na Lição X (p. 59-60), que trata do Romantismo na Europa.

A era elisabetana ocupa quase todo o espaço destinado à literatura inglesa (p. 45-48), uma vez que “domina pelo esplendor a história da Inglaterra e distingue-se principalmente por um grande número de personagens notáveis em todos os ramos do saber humano” (p. 47). O “espírito literário” da época se acha assim representado:

Sackville, Brooke, Sidney, Daniel Drayton; o teatro de Greene, Peele, Marlowe, Shakespeare, e seus continuadores Ben Jonson, Beaumont, Fletcher, Massinger, Shirley; a teologia por Hooker; a história por Walter Raleigh e a filosofia por Bacon, autor dos **Ensaio Morais**, da **Sabedoria** e do **Novum Organum** (FREITAS, 1909, p. 47).

Sobre Shakespeare, escritor celebrado por Victor Hugo “em uma obra imortal e que tem o mesmo nome do genial dramata inglês”, diz o professor:

O teatro de Shakespeare concretiza as paixões do tempo. Vemos o grande autor e poeta descrever todos os impulsos do temperamento humano: os amores exaltados, a dor, o crime, a demência, a morte, a avareza, em suma as idéias trágicas e impetuosas que perturbavam a vida e os costumes do povo inglês, nessa mesma época da rainha Elizabeth, e das aventuras dos expedicionários Drake, Cavendish, Raleigh (FREITAS, 1909, p. 47).

De suas obras, nenhuma recebe tratamento especial, sendo citadas as seguintes: *Romeu e Julieta*; *Macbeth*; *Hamlet*; *Rei Lear*; *O Mercador de Veneza*; *Othelo*; “etc”.

ORIGENS DA LÍNGUA INGLESA – SUA LITERATURA (1920)

De 1920 é *Origens da Língua Inglesa – sua literatura*, tese de concurso à cadeira de inglês do Colégio Pedro II defendida por Oscar Przewodowski. Natural da Bahia, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e em Ciências e Letras, o autor dividiu seu ambicioso trabalho em “duas partes distintas”, explicando cada qual na página intitulada “plano da tese”, aposta ao prefácio da obra – que por sua vez é precedido de nove páginas de agradecimentos e dedicatórias, onde são lembrados quase todos os seus parentes e o seu mestre Dr. M. A. de S. Sá Vianna.

No “Esboço Histórico da Literatura Inglesa” (p. 87-105), são estudados quase todos os seus períodos literários, desde as origens, com *Beowulf*, até o séc. XIX, quando são estudados os filósofos e cientistas **vitorianos**. O esquema biobibliográfico adotado pelo autor – baseado, como ele próprio reconhece, ao final do capítulo, no “Historical Outline [?], de L. Herrig” (p. 104) –, que a princípio torna a apresentação dos períodos e escritores uniforme e quase enumerativa, não chega a afetar seu texto, pois este é salvo da monotonia pelo seu estilo rebuscado e grandiloquente, como podemos notar no parágrafo de abertura ao período do “renascimento do gênio saxônico”:

É o XVI século a época áurea da literatura inglesa. É a fase do renascimento do gênio saxônico após um longo período de vida latente. É o tempo dos mais brilhantes espíritos, que imortalizaram a era de Elisabeth e projetaram nos arcanos do futuro uma luz imorredora, como estas estrelas desaparecidas cujos raios ainda continuam a refulgir no espaço (PRZEWODOWSKI, 1920, p. 92).

No parágrafo seguinte, são mencionados – e divididos por gênero – os nomes mais importantes do período em tela: Spenser, Shakespeare, Ben Jonson, Beaumont, Fletcher, Philip Massinger (poetas); Walter Raleigh e

Ver glossário no final da Aula

Francis Bacon (prosadores). À exceção de Shakespeare, nada é comentado a respeito dos demais autores.

Quanto ao mais célebre bardo inglês – a quem são dedicadas seis páginas (p. 93-98) –, Przewodowski traça um sucinto esboço biográfico, no qual é fornecido o ano do seu nascimento – “1564” –, o nome da sua cidade natal – “Straford-on-Avon” –, e são feitos alguns comentários acerca do seu passado obscuro:

Grandes dúvidas existem com respeito ao gênero de vida que abraçou depois de abandonar os bancos escolares, mas supõe-se que exerceu algum tempo a profissão de advogado. Realmente todos os seus escritos demonstram a sua familiaridade com os termos jurídicos (PRZEWODOWSKI, 1920, p. 93).

O número de peças a ele atribuídas é trinta e sete, segundo o autor, que diz terem sido publicadas entre 1584 e 1611. Em seguida, ao emitir rápidos julgamentos sobre as obras mais famosas, o professor tenta fazer uma relação entre a época em que elas foram produzidas e a fase em que o escritor se encontrava:

Os “Dois Cavalheiros de Verona” (Two Gentlemen of Verona) são uma de suas mais antigas produções. Esta peça é escrita com a timidez de um gênio juvenil, e o estilo não parece completamente formado. Em “Ricardo II” e “III” (Richard II e III) os caracteres são admiravelmente burilados; em “Romeu e Julieta” (Romeo and Juliet) e no “Mercador de Veneza” (Merchant of Venice) é óbvio que a idade trouxe benéficos efeitos ao escritor; em “Merry Wives of Windsor”, “As you Like it”, “Henry IV”, etc, transparece um grande crítico. Em “Rei Lear” (King Lear), “Hamleto” (Hamlet), “Othello”, “Macbeth”, “Tempestade” (Tempest), suas últimas e melhores composições, todos os vários talentos de seu admirável espírito acham-se combinados (PRZEWODOWSKI, 1920, p. 94).

Przewodowski não deixa de apontar os defeitos de Shakespeare, referindo-se à “falta de originalidade” dos seus enredos e à complicada questão autoral de suas peças, mencionando ainda o fato de não haver, na Inglaterra, lei que protegesse a propriedade literária antes do ano de 1649, o que não o impede de mitificar a figura do bardo inglês, que apesar de ser “por vezes, insípido”, “não precisava dos óculos dos livros para ler a natureza”: “tivesse ele previsto que muitas gerações iriam buscar instrução e prazer em suas páginas, talvez se lhe despertasse a ambição de exibir maior fertilidade de invenção nas tramas de suas peças” (p. 95).

O tópico dedicado ao período elisabetano encerra-se com a indicação das possíveis fontes das obras que compõem o cânone shakespeariano:

Love's Labour's Lost: supõe-se que Shakespeare, ao contrário do seu costume, tivesse ideado o próprio assunto da peça.

The Comedy of Errors: extraída de Plauto.

The Taming of the Shrew: inspirada em Ariosto e em Terêncio.

Troilus and Cressida: é tirada sobretudo de Chaucer e Chapman's Homer.

As you Like it: do romance pastoral "Rosalynde", de Lodge.

The Twelfth Night: tirada de uma novela de Bandello.

All's Well that Ends Well: de Boccaccio, através do "Palácio do Prazer" de Painter – renovação de "Love's Labour's Lost".

The Two Gentlemen of Verona: é tomada, em parte, pelo menos, de um romance pastoril de Montemayor.

The Merry Wives of Windsor: foi escrito, diz-se, por expresso desejo da rainha Isabel – enredo extraído, em parte, de uma história italiana referida no "News Out of Pugatoire", de Tarlton.

Measure for Measure: tirada de "Promos e Cassandra", de Whetstone – tradução dramatizada de um conto de Giraldi Cinthio.

Winter's Tale: é encontrado em "Pandosto", romance de Guene, ou no "Dorastus and Fannia".

Timon of Athens: Plutarco e "Palace of Pleasure", de Painter.

The Tempest: sugerida pelo naufrágio de Sir George Somers no arquipélago de Bermuda, em 1609.

Midsummer Night's Dream: tirada do "Night's Tale", de Chaucer.

Romeo and Juliet: concepção do escritor italiano Bandello – inspirado no poema de Arthur Brook, de 1562.

Pericles: geralmente se presume que somente algumas passagens lhe pertençam.

Othello: tomada do italiano, de Giraldi Cinthio.

Para suas peças dramáticas latinas: valem-se da tradução de Plutarco de Sir Thomas North.

Para suas peças históricas inglesas, incluindo **Macbeth, King Lear:** as crônicas de Hollinshed, Hall, Fabian e algumas outras.

Hamlet: a "Crônica" de Saxo-Gramaticus.

Cymbeline: se encontra parte em Hollinshed, parte em Boccaccio (PRZEWODOWSKI, 1920, p. 95-98).

LITERATURAS ESTRANGEIRAS (1931)

O volume *Literaturas Estrangeiras*, da Coleção de Livros Clássicos F.T.D. – iniciais do Frei Theodoro Durant, provável autor do compêndio e fundador do que viria a ser umas das maiores editoras de livros didáticos e religiosos do país –, foi editado pela **Livraria Francisco Alves e Paulo de Azevedo & C em 1931**. Motivado pelo programa oficial de 1929 – o que o levou a reproduzir no livro a portaria publicada pelo *Diário Oficial* de 14 de março do mesmo ano – o autor, que já havia organizado – talvez apenas dirigido – a compilação de vários outros compêndios didáticos, como

Ver glossário no final da Aula

comprovam as notas de divulgação de suas outras obras, na contracapa do livro, agora se lançava no mercado com mais um volume da sua Coleção, valendo-se dos apelos publicitários do professor José de Sá Nunes, “grande amigo dos F.T.D.”.

O Capítulo X, dedicado à literatura inglesa, segue o modelo dos demais, que consiste numa seqüência de notas biobibliográficas dos “principais vultos” de cada época, precedidas de breve esboço histórico – onde são expostos os fatores condicionantes da “raça”, do “meio social” e do “momento histórico” – e entremeadas com alguns “subsídios” – os da literatura inglesa são escritos por Agripino Grieco:

É efetivamente, curioso observar-se como, DA MAIS FRIA DAS RAÇAS E DA MAIS PRÁTICA DAS NAÇÕES haja saído tão avultado número de prosadores maníacos: um SWIFT, um DEFOE, um STERNE, e de poetas que viveram realmente uma vida de poeta, líricos nos versos e na conduta libérrima: um BLAKE, um SHELLEY e um BYRON (FTD, s/d, p. 547).

Muitos outros críticos, teóricos e historiadores são citados – inclusive em inglês ou francês, como nos casos de “Henrique” Morley e “Renato” Lalou –, fazendo o autor uma bem cuidada colagem de julgamentos e opiniões acerca dos escritores estudados, de Beda, o Venerável, até os “escritores jorgistas, burgueses e cosmopolitas” das primeiras décadas do séc. XX.

Apenas três páginas são consagradas ao período elisabetano (p. 550-552), que tem como “principais vultos” os seguintes: Jasper Heywood (dramaturgo), Thomas Sackville (dramaturgo), Edmund Spenser (poeta), John Lyly (poeta), Francis Bacon (filósofo), Michael Drayton (poeta) e Shakespeare (dramaturgo).

De Heywood são fornecidos alguns dados biográficos, tanto seus como do seu pai, John Heywood, não sendo mencionada nenhuma obra de sua autoria. A respeito de Sackville, diz o autor: “Deixou a primeira tragédia impressa em inglês: *The Tragedy of Gorboduc*, de parceira com Thomas North” (p. 550). De Spenser são citadas *A Rainha das Fadas* e *O Calendário do Pastor*, além de “nove comédias imitadas de Ariosto” (p. 551). “João” Lyly, autor do *Euphues, ou The Anatomy of Wit*, assim como os escritores mencionados anteriormente, ganha somente uma breve nota com dados biográficos, o mesmo ocorrendo com Bacon – que tem *Novum Organum, Discursos Parlamentares e Cartas* citados – e Drayton, taxado como “poeta descritivo” e autor de *Espelho dos Magistrados* e *Guerra dos Barões*.

Sobre Shakespeare F.T.D. dispensa maior atenção, reproduzindo, além dos dados biográficos usuais – local e data de nascimento e morte, vida familiar, etc –, um trecho de *The Month* – revista inglesa dos padres jesuítas – datado de novembro de 1929:

Apesar de toda a fortuna alcançada, Shakespeare sofreu sempre, em toda a vida, de uma ferida íntima. Ligado na juventude, a um amigo pelo mais ardente afeto, viu-se traído no ponto mais delicado em que o pode ser um homem do mundo. O poeta não conseguiu jamais apurar com certeza toda a verdade, mas os seus sonetos mostram bem as agonias da dúvida que, em flutuação cruciante, o atormentaram. Tal estado de alma influiu poderosamente na sua obra dramática. As tragédias reverberam constantemente o **leit motiv** do amor traído e do desengano. Sem esse episódio, pois, que, apesar de todo o colorido e originalidade prestados à obra do grande escritor, lhe deu uma orientação exclusivista e terrena, não daria Shakespeare outro Dante aplicado em plena Renascença, a libertar o espírito cristão dos grilhões do paganismo? Esta probabilidade frustrada é que constitui a grande tragédia do célebre autor inglês (FTD, s/d, p. 547).

Seus “principais dramas” citados são *Henrique IV, V, e VIII; Ricardo II e III* (da história da Inglaterra); *Coriolano e Júlio César* (da história romana); *Macbeth; O Rei Lear e Hamleto* (das lendas nacionais); *Othello e Romeu e Julieta* (de contos italianos). As “melhores comédias” são *O Negociante de Veneza; Midsummer Night’s Dream; All’s Well that Ends Well; Comedy of Errors; Much Ado About Nothing*; “etc”.

Em seguida o autor faz uma sinopse de quatro peças – *Macbeth; Hamleto; The Merry Wives of Windsor e Much Ado About Nothing* –, finalizando seu “estudo” do período elisabetano com alguns versos de Ben Jonson, “o mais ilustre dramaturgo depois de Shakespeare”, sobre o bardo inglês, precedidos de uma “apreciação”: “única lei de Shakespeare: despertar interesse. Ninguém mais do que ele soube provocar a comoção, a compaixão, o terror, a ternura e o susto. Pujança incomparável” (FTD, s/d, p. 552).

NOÇÕES DE HISTÓRIA DE LITERATURA GERAL (1932)

No ano seguinte saíram as *Noções de História de Literatura Geral*, obra de Afranio Peixoto escrita sob encomenda para ser utilizada no “curso vestibular” da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro – instituição da qual era professor –, conforme explica o autor no “Prefácio”.

O estudo da literatura inglesa (Capítulo X), assim como o das outras literaturas, é precedido por um quadro cronológico intitulado “Sincronismo Social” e encerrado com uma “Nomenclatura”, onde estão os esboços biobibliográficos dos escritores. A parte narrativa, de dez páginas (p. 315-325), é uma apressada enumeração dos mais importantes autores britânicos, do “monge franciscano, inovador, físico, óptico, longínquo precursor do método experimental” “Rogério” Bacon ao “poeta, dramaturgo, ensaísta,

esteta” Oscar Wilde (p. 315-325), limitando-se o professor a qualificar cada obra ou figura literária com uma série de epítetos elogiosos, na maior parte lugares-comuns:

O gênero de ensaios históricos, sociológicos, econômicos, filosóficos, artísticos, é representados por escritores de primeira ordem: o solene e justo Macaulay, oracular como Tácito ou Taine; Carlyle, bárbaro e profundo, original e imprevisível; Buckle, tratando da **História da Civilização na Inglaterra** com determinismo e experimentação; Herbert Spencer, cuja síntese filosófica pareceu, a muitos, digna de um Aristóteles no Século XIX; John Ruskin, cuja ‘Religião da Beleza’ acendeu fogueiras de entusiasmo estético... Oscar Wilde teve o gênio aureolado pela desgraça; poeta, dramaturgo, ensaísta, esteta (PEIXOTO, 1932, p. 325).

O período elisabetano (p. 317-319) é assim resumido pelo autor:

O século XVI é o fastígio literário da Inglaterra, chamado período “elisabethano”, por coincidir com o reinado de Elisabeth que, entretanto, nada concorreu, diretamente, para esse surto literário: ao contrário, ela deixou Spenser morrer de miséria, em Londres. A prosperidade da Inglaterra fazia sua literatura (PEIXOTO, 1932, p. 317).

Antes de falar de Shakespeare – que, como de costume, é o autor que ganha mais destaque entre os elisabetanos (p. 318-319) –, Afranio Peixoto tece brevíssimos comentários a respeito de Spenser, “poeta que imitou Teócrito e Virgílio, em seu *Calendário do Pastor*, e na *Rainha das Fadas*, de encantadora fantasia”; John Lyly, “precioso autor de *Euphues*”; Philip Sidney, que “funda a crítica literária com a *Defesa da Poesia* e o romance pastoral com a *Arcádia*, derivada da de Sannazaro”; Christopher Marlowe, “morto jovem, vagabundo, libertino, rixoso, entretanto lírico poderoso, escreve um *Eduardo II* e o *Doutor Fausto*, lenda medieval, aproveitada, depois, por Goethe”; e Francis Bacon, cujo *Novum Organum* “é o prefácio da ciência moderna, pelo estudo da indução e do método experimental”. O professor ainda acrescenta, a respeito do filósofo inglês: “capaz de obra literária, atribuem-lhe certos críticos, até hoje, a obra colossal de seu contemporâneo, o maior poeta dramático do mundo” (PEIXOTO, 1932, p. 318).

Sobre Shakespeare, “grande poeta lírico e autor de sonetos incontestáveis”, cuja glória se iguala à “dos três clássicos gregos, juntos” ou “dos dois trágicos franceses reunidos”, diz Afranio Peixoto:

Sua obra é uma coleção de obras primas, tomados os temas, um pouco por toda a parte, gregos, latinos, italianos, ingleses, dinamarqueses: **Hamleto, Othello, Romeu e Julieta, Macbeth, O Rei Lear, A Megera Domesticada, A Tempestade, Timon de Atenas, Júlio César, Ricardo III**, etc. (PEIXOTO, 1932, p. 318).

Em seguida, o autor – a exemplo de “certos críticos” – passa a levantar suspeitas quanto à existência de Shakespeare, alegando que os seus “estudos deficientes” não lhe conferiam dignidade para tamanha obra (“em 24 anos, 30 peças”):

Portanto, não é de estranhar quem diga que é o pseudônimo de Francis Bacon, o chanceler, que se não dignava de subscrever literatura, então menosprezada. A grande dama que foi Mme. De Lafayette não fez aparecer obras suas sob o nome de Segrais, hoje apenas conhecido por isso? (PEIXOTO, 1932, p. 319).

HISTÓRIA UNIVERSAL DA LITERATURA (1936)

É bem possível que obras como as de Afranio Peixoto e F.T.D., ainda regidas pelo programa publicado em 1929, tenham sido utilizadas no ensino de literatura geral – dado nas duas séries do curso complementar pré-jurídico das instituições de estudos secundários do país a partir da reforma de 1931 – até 1936, ano em que o novo programa da disciplina foi expedido, quando o reformador Francisco Campos já havia cedido lugar a Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública, pois a partir de então uma série de compêndios do gênero começaram a ser produzidos, aparecendo dois ainda no mesmo ano: a *História Universal da Literatura*, de Estevão Cruz, e *Literaturas Estrangeiras*, de A. Velloso Rebello.

O estudo da literatura inglesa, como o das demais literaturas, é precedido de uma análise dos seus “elementos estáticos” – a raça e a língua –, sendo traçado em seguida um panorama histórico que vai das “primeiras manifestações literárias” até o período “contemporâneo”. A narrativa de Estevão Cruz, seguindo o modelo biobibliográfico, divide em três tópicos os textos dedicados aos principais escritores: a) biografia, b) bibliografia e c) crítica. Os “menores”, quando não ganham uma breve nota, são apenas mencionados. Quanto às “fontes” indicadas, o autor cita William Savage (*Manuel de Langue Anglaise*), M.M. Arnold Schröer (*História da Literatura Inglesa*) e L. Cazamian (*História da Literatura Inglesa*).

O “período da rainha Elisabeth”, situado no Capítulo Nonagésimo-Primeiro, estuda os “precursores de Shakespeare” – Edmund Spenser (p. 551-553) e Philip Sidney (p. 553) –, e os “contemporâneos de Shakespeare” – John Lyly (p. 554), Christopher Marlowe (p. 554) e Francis Bacon (p. 554-555) – antes de abordar o célebre bardo inglês, a quem são dedicadas as páginas restantes do capítulo (p. 555-564).

Utilizando-se dos dados e comentários da *História da Literatura Inglesa* [?] de M.M. Arnold Schröer, autor citado em nota de rodapé, Estevão Cruz escreve uma biografia de Spenser, descrevendo sucintamente as seguintes obras: *Shepherd's Calendar*; *The Faerie Queene*; *Epithalamion*, “canto de júbilo para as suas próprias bodas”; e a coletânea de sonetos Amoretti. Quanto à sua “crítica”, diz o professor gaúcho:

[...], Spenser foi um verdadeiro poeta. Reina a mais perfeita harmonia entre a sua maestria artística de expressar-se, o seu poder de estruturação e o magnífico vôo das idéias. Além disso, ele é um inglês genuíno, que sabe não só aliar, a ideologia e as formas da poesia artística cortesã, erudita, como as nacionais, herdadas, mas também imprimir-lhes o espírito nacional (CRUZ, 1932, p. 554).

A nota biográfica dedicada a Sidney é bem menor, limitando-se o autor a dizer que o diplomata inglês tinha sido “amigo íntimo de Edmund Spenser”. As obras citadas são: *Defesa da Poesia*, “obra que criou na Inglaterra a crítica literária”; *Arcádia*, romance de cavalaria “inspirado na *Arcádia*, de Sannazaro, na *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, e ainda, segundo alguns, na *Diana* de Jorge Montemor”; *Apologia da Pátria* e *Astrophel e Stela*. No curto parágrafo de sua “crítica”, é destacado o fato de Shakespeare ter aproveitado “largamente os seus romances e as suas produções”.

Os “contemporâneos de Shakespeare” ganham apenas um parágrafo cada, no qual são citados alguns dados biográficos, suas principais obras e é feito um rápido comentário crítico. Assim, de John Lyly são mencionadas as peças *Campapse*; *A Mulher da Lua*; *A Mãe Bombie*; *Safo e Faon* e *Midas*, além de seus romances *História de Euphues* e – sua continuação – *Euphues e a sua Inglaterra*. De Marlowe, considerado o “fundador do drama nacional inglês”, o autor menciona o seu *Fausto*; *Dido*; *Juden de Malta*; *Eduardo II* e *Tamerlão o Grande*. De Bacon, que “pode até certo ponto ser considerado como o criador da prosa contemplativa” com os seus Ensaios, são enumeradas as seguintes obras: *Tratado do valor e do progresso da ciência divina e humana*; *De dignitate et augmentis scientiarum*; *Sobre a ciência dos antigos*; *Pensamentos e vistas sobre a interpretação da natureza*; *História de Henrique VIII* e “muitas outras mais”.

Ao tratar de Shakespeare, Estevão Cruz escreve uma farta biografia, fornecendo inclusive a data de casamento de suas duas filhas Susana e Judite, pouco antes de sua morte. Após fixar em trinta o número de suas peças – compostas, segundo o autor, entre 1590 e 1614 –, há uma tentativa de esclarecimento quanto à tão debatida questão da autoria de suas obras:

Nos inúmeros estudos e incontáveis pesquisas feitas sobre Shakespeare por espíritos eruditos, não deixaram de aparecer as coisas mais absurdas. Entre estas, surgiu a idéia de que o Shakespeare histórico não podia ter sido o autor das obras transmitidas sob o seu nome, por ser incompreensível a estes espíritos irrefletidos e tendenciosos que o grande gênio pudesse ter produzido tais obras, quando nem sequer tinha feito um curso humanístico, quanto mais estudos superiores, e nem viajara pelos diversos centros de cultura da Europa. Tudo isso, porém, foi suficientemente rebatido, inclusive a **hipótese de Bacon** (CRUZ, 1932, p. 556).

Sua bibliografia é dividida em quatro períodos: o dos “seus primeiros poemas juvenis” (1588-1593) – *Penas de Amor Perdidas; Venus e Adonis; A Violação de Lucrecia; Comédia dos Erros; Os Dois Gentilhomens de Verona; O Sonho de Uma Noite de Verão e Ricardo III* –; o “de equilíbrio e de serenidade” (1593-1601) – *Romeu e Julieta; João-Sem-Terra; Henrique IV; Henrique V; O Mercador de Veneza; Muito Barulho por Nada; As You Like it; Tudo é Bom que Termina Bem; A Megera Domada e As Alegres Comadres de Windsor* –; o dos “dramas lúgubres” (1601-1608) – *Júlio César; Hamleto; Otelo; Macbeth; O Rei Lear; Antônio e Cleópatra; Coriolano e Péricles* – e o “da profundidade resultante da experiência adquirida” (1608-1613) – *Cymbeline; Conto de Inverno; A Tempestade e Henrique VIII*.

Em seguida são resumidas as seguintes peças: *Muito Barulho por Nada; As Alegres Comadres de Windsor; Hamleto; Otelo e Romeu e Julieta*. Na sua crítica, que nada mais é do que uma série de sentenças laudatórias sobre o “maior dramaturgo da literatura universal”, Estevão Cruz mais uma vez se vale de Arnold Schröer, citando um parágrafo inteiro da sua *História da Literatura Inglesa*. No final, diz o autor:

Shakespeare criou perto de setecentas personagens; e todas, mesmo as menos importantes, possuem uma individualidade própria, característica. Segundo a feliz comparação de Goethe, eram todas relógios transparentes, que, além de indicarem as horas, deixavam ver o seu maquinismo interior. Muitos dos seus “tipos” característicos granjearam celebridade como: Otelo, o trágico ciumento; Hamleto, de elevado espírito e coração bondoso, mas inconstante e débil de caráter; Romeu e Julieta, os jovens amantes; o judeu Shylock e muitos outros mais que nos dão prova da sua eloquência e da sua comoção na pintura das paixões trágicas, no que ninguém o sobrepujou (CRUZ, 1932, p. 564).

LITERATURA ESTRANGEIRAS (1936)

De 1936 é *Literaturas Estrangeiras*, de A. Velloso Rebello, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sem qualquer tipo de preocupação metodológica ou didática, o autor limita-se a “narrar o que outros fizeram”, destinando seu livro, no prefácio, “aos que, completamente leigos nas letras, procurem uma indicação metódica dos maiores vultos e dos mais altos monumentos das principais literaturas, antigas e modernas”.

A história da literatura inglesa é contada desde os seus primórdios até a época vitoriana, num esquema cronológico em que são privilegiadas as biografias dos principais autores abordados, em detrimento do contexto histórico ou do grupo ou escola literária à qual estão associados. O séc. XVI, época do “império soberano das letras”, é visto em oito páginas (p. 327-333), sendo Edmund Spenser, “o maior escritor desses tempos”, o primeiro escritor estudado (p. 327-329):

Já se escreveu que Elizabeth, protetora das letras, foi por esse lado a verdadeira rainha inglesa, apesar de ter sido mulher, atrozmente pessoal, com todas as suas qualidades e defeitos, expressão de grandeza em tudo, menos na do coração.

O seu nome ficou ligado ao do esplendor da literatura inglesa e o século inteiro pertenceu a ela, que assim ofuscou o reinado do seu sucessor (REBELLO, 1936, p. 327).

Citando Taine, Velloso Rebello faz um ligeiro esboço biográfico de Spenser e descreve sucintamente o *Calendário do Pastor* e “sua obra principal”, *A Rainha das Fadas*, cuja “forma de versificação, que é a oitava italiana, modificada, foi imitada por Byron”.

A respeito de Francis Bacon (p. 329-331), “o maior prosador de então”, diz o autor que sua principal obra é o *Novum Organum* (1620-1623), “assim como” *De Augmentis Scientiarum*, “em que ele propôs a renovação da ciência”. É ainda comentado seu ponto de vista filosófico – com o auxílio de Taine –, e mencionado, de passagem, o fato de ter sido ele o introdutor do ensaio na Inglaterra.

A “Cristóvão” Marlowe é dedicado apenas um parágrafo, no qual são citadas as peças *Tamerlão*, *A Vida e a Morte do Dr. Fausto* e *O Judeu de Malta*, afirmando o autor que o jovem dramaturgo “pertenceu à família dos escritores boêmios de vida licenciosa como Baudelaire, Edgar Poe, Verlaine ou Mallarmé” (REBELLO, 1936, p. 331).

William Shakespeare ocupa o restante do capítulo (p. 331-333). Assim como Estevão Cruz, autor do compêndio anteriormente comentado, Velloso Rebello descarta a idéia de Francis Bacon ter escrito as obras do criador de Hamleto, alegando que “Frank Harris, com um conhecimento exato e refletido do texto shakespeariano e de trabalhos anteriores, reconstruiu toda a trajetória da sua existência”.

Além do *Hamleto*, são mencionadas as seguintes peças: *Macbeth*, “o rude Macbeth, como diz George Brandes”; *Adriana*; *Venus e Adonis* e *Othello*. Sobre suas personagens, diz o autor: “os seus personagens saíram da sua roda íntima e quando ele os põe em cena sente-se que são os seus parentes ou ele mesmo que figuram vindo mais da sua memória do que da sua imaginação” (p. 333).

ENGLISH LITERATURE (1937)

Duas exceções em relação à maioria dos compêndios publicados durante a vigência da Reforma Francisco Campos são *English Literature*, de Melissa Stodart Hull e Machado da Silva, e *An Outline of English Literature* (1938), de Neif Antonio Alem, uma vez que se trata de livros específicos de história da literatura inglesa, ambos escritos em inglês. O primeiro, de 1937 – pioneiro do gênero no Brasil e também o mais completo – divide-se em

três partes – indicadas como subtítulo –, nas quais estão: 1) um “historical outline” das literaturas inglesa e norte-americana (p. 9-64); 2) “biographies, representative extracts and commentaries” dos principais autores ingleses – de Chaucer a H.G. Wells (p. 69-365) – e norte-americanos – de Washington Irving a Sinclair Lewis (p. 369-409) –; 3) algumas “chronological tables” dispendo: 3.1) os “sovereigns of England” (p. 413-415), 3.2) uma “historical chronology” (p. 417-432), 3.3) uma “list of English writers” (p. 433-440), 3.4) outra de “American authors” (p. 441-443), 3.5) um quadro sobre “contemporary literature” (p. 445-447) e finalmente uma série cronológica de trechos de vários autores intitulada “what some of his countrymen and others thought of Shakespeare” (p. 449-475). No final do livro, há um “literary map of England”, incluindo escritores escoceses e irlandeses.

A história da literatura inglesa é contada a partir de **“The Age of Chaucer”**, ficando excluídos o período anglo-saxônico, também chamado “Old English Period”, e os séculos de ocupação normanda, ou “The Middle English Period”. A narrativa, como se percebe pelos nomes dos capítulos, se desenvolve em função dos autores mais representativos de cada período, sendo os “menores” apenas citados – algo compensado pelos esboços biográficos e pelos excertos compilados na segunda parte do livro.

“The Age of Shakespeare: expansion and enthusiasm” (1550-1610), capítulo representado pelos “sixty seven years between the accession of Queen Elizabeth and the death of James I”, ocupa seis páginas do esboço histórico da literatura inglesa (p. 18-23), sendo iniciado com dois parágrafos sobre o Renascimento na Europa.

Em seguida, os autores passam a situar historicamente cada gênero literário, mencionando os nomes dos seus maiores representantes. Comentam primeiro os “tales of adventure and discovery”, representados por Hawkins, Raleigh, Frobisher e Drake. Depois o drama, citando os “University Wits” Lyly, Kyd, Peele, Lodge – “from Oxford” –; Greene, Nash, and Christopher Marlowe – “from Cambridge” – e o “sound classical scholar” Ben Jonson, “originator of the Comedy of Manners”. Entre o “crowd of Shakespeare’s contemporary dramatists”, são mencionados Webster, Ford, Beaumont, Fletcher, Massinger, “and somewhat later”, Shirley.

Os “non-dramatic poets” são representados por Spenser, “Sir Walter Raleigh’s friend” e autor de *Faerie Queene* e dos sonetos de *Amoretti*; pelos poetas anônimos das “miscellanies” *The Paradyse of Dainty Devises*, *A Handfull of Pleasant Delites*, *An Arbor of Amorous Devices* e *England’s Helicon*; pelos sonetos de Shakespeare; por *Astrophel and Stella*, de Sidney; “Daniel’s *Delia*” e “Drayton’s *Idea*”. Há também os “patriotic poets”, exemplificados por Warner, Daniel e Drayton, além da “metaphysical school”, “initiated by Donne” e “termed by Dr. Johnson”.

A prosa acha-se representada por Raleigh, Hollinshed e Foxe – “historians” –; Sidney, Webbe e Puttenham – “the critics, with their *Apologie for Poetry*,

Ver glossário no final da Aula

Discourse of English Poetry, and Art of English Poesie respectively” –; “Hakluyt’s Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation”, “the best of many books of travel”; a *Ecclesiastical Polity* de Hooker e a *Authorised Version of the Bible*. São ainda destacadas as seguintes obras: *Euphues*, de Lyly; *Arcadia*, de Sidney; *Rosalynde*, de Lodge; *Pandosto*, de Greene; e *Unfortunate Traveller*, de Nash, todas elas “prose fiction that took the form of long romances”. O “greatest prose-writer” do período é Francis Bacon, “one of the great original thinkers of all time”, autor de *Advancement of Learning* e de *Novum Organum*, além dos *Essays*, “his chief contribution to general literature”.

An Outline of English Literature, de Neif Antonio Alem, é um livro da série *English Easily Spoken*, elaborado para “completar as exigências do programa em vigor”. Na tentativa de adaptar o estudo da literatura inglesa ao “método direto”, o autor buscava superar o “desequilíbrio” causado pelas antologias e histórias literárias.

“The Renaissance” (1558-1603), quarto capítulo do livro, de apenas três páginas (p. 28-30), cobre resumidamente todo o período elisabetano, começando com o Earl of Surrey, “introducer of the sonnet”; passando pelos poetas Edmund Spenser e Philip Sidney; os prosadores Francis Bacon, Sir Walter Raleigh e “again” Philip Sidney; os tragediógrafos Christopher Marlowe, George Peele e Thomas Kyd; até os dramaturgos contemporâneos de Shakespeare: Ben Jonson, Francis Beaumont, John Fletcher, John Webster, Thomas Dekker, “etc”.

William Shakespeare, “the world’s greatest dramatic poet”, constitui um tópico à parte (p. 31-33), ganhando uma biografia de duas páginas e um breve comentário a respeito de suas mais famosas personagens. De suas peças – classificadas em “three classes: tragedies, historical dramas and comedies –, são citadas *Hamlet*, *Macbeth*, *Othello*, *Romeo and Juliet* (tragédias); *Julius Caesar*, *King John* e *Henry VIII* (dramas históricos); e *The Midsummer Night’s Dream*, *The Merchant of Venice*, *As You Like it*, *The Winter’s Tale* (comédias). São ainda resumidas *Hamlet*, *Macbeth*, *Midsummer Night’s Dream* e *The Winter’s Tale*, e transcrito um trecho – ato I, cena II – de *Julius Caesar*.

HISTÓRIA DA LITERATURA UNIVERSAL (1939)

Em 1939 foi publicada a *História da Literatura Universal*, de autoria de Walter Fontenelle Ribeiro, que já havia produzido *Iniciação à Literatura* (?) e esperava produzir uma *História Completa da Literatura Brasileira*. Sem indicar as fontes ou a metodologia adotada, o autor assim expõe, em nota que serve de prefácio ao livro, a utilidade do seu trabalho.

Sobre o período elisabetano quase nada é dito, restringindo-se o autor a afirmar que “a verdadeira poesia inglesa data de Spenser e Shakespeare

no reinado de Isabel” (p. 76). Do primeiro é citada a *Rainha das Fadas*, que apesar de ser a “sua obra principal”, a seu ver, “é uma alegoria insípida”. Já Shakespeare ocupa um espaço bem maior (p. 76-79), ganhando uma biografia relativamente longa e tendo mencionadas, além de *Macbeth* – cujo trecho do assassinato do rei Duncan se encontra transcrito –, cinco peças: *Richard III*; *Romeo and Juliet*; *Othello*; *Julius Caesar* e *Hamlet*. No final, diz o autor:

Shakespeare, como Dante na Itália, tinha sobrepujado seu século. Nenhum nome grande eleva-se ao lado do seu, senão nas ciências positivas. A própria língua não tinha recebido essas formas flexíveis e graciosas que a poesia exige. Ben Jonson, Fletcher, Cowley e outros trabalharam utilmente para isso; e com Milton começa o período áureo da literatura inglesa (RIBEIRO, 1939, p. 79).

No “índice da literatura moderna” (p. 113-116), outros ingleses são citados: D.H. Lawrence, “o Zola inglês”; Huxley, “que Érico Veríssimo tão bem traduziu para o português”; Chesterton e “Bernardo” Shaw (p. 114-115). Da literatura norte-americana, “tumultuosa, inquieta, como os dias que passam”, são destacados Sinclair Lewis; George Santayana; John dos Passos; Upton Sinclair; Pearl S. Buck; Eugene O’Neil e Edna St. “Vicente” Millay (p. 115-116). No final, o autor caracteriza a literatura da época “pela confusão e pelo excesso de doutrinas inaplicáveis”, acrescentando, como se estivesse a falar para os jovens que iriam seguir a carreira jurídica:

A literatura dos Homens sem Deus – a literatura dos nossos dias – tende a desaparecer para dar lugar à literatura da compreensão dos problemas sociais.

Mas, para que haja isso, apenas se faz necessária a aplicação da justiça. E a justiça há de imperar! (RIBEIRO, 1939, p. 116).

HISTÓRIA DA LITERATURA (1940)

Do ano seguinte é a *História da Literatura* de José Mesquita de Carvalho, “ex-lente de latim e atualmente de literatura no Colégio Universitário de Porto Alegre, lente da língua nacional no Ginásio Estadual, membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul”. Assim como Estevão Cruz, que teve suas obras lançadas pela mesma editora, o autor em questão já havia escrito alguns volumes didáticos.

A sua história da literatura inglesa (p. 382-427) é uma versão simplificada e menos esquemática da que havia sido contada por Estevão Cruz, quatro anos antes, com a diferença de que o professor do Colégio Universitário de Porto Alegre, além de aporuguesar os nomes dos autores e das obras, utiliza-se de trechos de vários críticos e historiadores, dentre eles Arnold Schöerer, J. Macy – na tradução de Monteiro Lobato –, Anatole France, A. de A. Machado, Agripino Grieco, Gosse, Faguet, e até F.T.D. Os excertos

transcritos são alternados com rápidos esboços biográficos dos escritores abordados, todos precedidos de um parágrafo no qual o autor tenta resumir o contexto histórico de cada período.

A “Era Elisabetana” (p. 386-391), “que vai de 1558 a 1625”, se inicia com Spenser, “entusiasmado do movimento literário italiano” e, ainda segundo José Mesquita de Carvalho, imitador de Teócrito, Virgílio e Ariosto. De suas obras, três ganham destaque: *A Rainha das Fadas*, *O Calendário do Pastor* e *Amoretti*, todas devidamente descritas e comentadas – ainda que por Arnold Schröer.

Em seguida o autor fala de “Felipe” Sidney, “criador da crítica literária” com *Defesa da Poesia* e autor do romance de cavalaria *Arcadia* e do poema *Coxa Ferida*. Os sonetos de *Astrolfel e Stela* são comentados por J. Macy. A “João” Lyly é dedicado apenas um parágrafo, no qual é dito que *Euphues* “foi a novela que o celebrizou”, dando origem ao que se convencionou chamar de “eufuismo”, “um preciosismo espiritual que se comparou ao Preciosismo francês, ao Gongorismo espanhol” (CARVALHO, 1940, p. 388).

De Cristóvão Marlowe são citadas as seguintes peças: *Doutor Fausto*, *Eduardo II*, *Dido*, *Judeu de Malta* e *Tamerlão, o Grande*, sendo transcrito um outro parágrafo de J. Macy – via Monteiro Lobato –; e de Francis Bacon os *Ensaaios*, *Novum Organum*, os *Discursos Parlamentares*, as *Cartas*, o *Tratado do Valor da Ciência Divina e Humana*, *Sobre as Ciências dos Antigos*, “etc”. No final, é reproduzida uma célebre frase do filósofo inglês: “uma filosofia superficial pode levar ao ateísmo; mais profunda, a filosofia se aproxima de Deus” (CARVALHO, 1940, p. 389).

Quando trata de William Shakespeare – é curioso observar que o autor não aportuguesou o nome do bardo inglês –, José Mesquita de Carvalho volta a pôr em questão a velha polêmica a respeito da autoria de suas obras:

Terá alguma afinidade o nome de Shakespeare com Charles Pierre? Francis Bacon não será o mesmo Shakespeare? A maior parte dos historiadores tem Shakespeare como um pseudônimo de Bacon. E enquanto uns afirmam que William não poderia ter criado peças que trazem seu nome, outros demonstram que os trabalhos em prosa de Bacon ensinam não ser ele autor das peças e poemas Shakespeareanos. Deixando à parte sua individualidade consideramos a mais brilhante figura da época da rainha Isabel (CARVALHO, 1940, p. 389).

Em seguida, são compiladas algumas opiniões – de críticos e outros escritores, contemporâneos e pósteros (Schröer, J. Macy, Ben Jonson, “principal epígono da era”, Goethe e Voltaire) – a respeito do legendário dramaturgo elisabetano, dividindo sua obra em quatro fases distintas: a “das revisões e fundições das obras antigas” – *Penas de amor perdidas*, *Venus e Adonis*, *Comédia dos Erros*, *Dois gentis-homens* e *Ricardo III*; a de “equilíbrio” – *Romeu e Julieta*, *João-Sem-Terra*, *Enrique IV*, *Enrique V*, *O mercador de Veneza*,

Muito barulho por nada, Tudo é bom que termina bem, A Megera Domada e As Alegres comadres de Windsor; a dos dramas “lúgubres” – Júlio César, Hamlet, Otelo, O Rei Lear, Antônio e Cleópatra, Coriolano, Péricles, “etc”; e a de “serenidade e experiência” – Cymbeline, Conto de Inverno, A Tempestade, “etc”.

NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS LITERATURAS (1940)

No mesmo ano saiu a primeira edição das *Noções de História das Literaturas*, de Manuel Bandeira – “catedrático interino de Literatura no Externato Pedro II” na época de sua publicação –, obra escrita “para atender às necessidades” do curso que lecionava.

Em “O Renascimento e a Idade de Elizabeth” (p. 155-158), Manuel Bandeira inicia sua narrativa falando de Thomas More, “juiz, embaixador, político e estadista” que, juntamente com alguns universitários recém-chegados de Florença – Linacre, Grocyn, Colet e o holandês Erasmo –, “inicia a literatura do Renascimento”, sendo *Utopia*, “espécie de ensaio-romance político em que o autor descreve uma república imaginária”, “a sua obra capital” (BANDEIRA, 1940, p. 158).

Em seguida o autor fala da “nova poesia”, introduzida por Wyatt e o Duque de Surrey e continuada por Edmund Spenser, poeta que inaugura o “momento de maior esplendor da literatura inglesa, não obstante a preocupação geral de exaltar e adular a pessoa soberana da rainha, protetora das artes” (BANDEIRA, 1940, p. 158). Das obras de Spenser, são mencionadas *Amoretti* – “89 sonetos de amor notáveis pela beleza da linguagem e musicalidade da forma” – e *The Faerie Queene*.

De Philip Sidney são citados o romance pastoral *The Countesse of Pembroke’s Arcadia* e *The Defence of Poesie*, “apologia da arte do verso e discussão crítica da poesia inglesa”; e de John Lyly o *Euphues, or the Anatomy of Wit*, “menos famoso por suas qualidades de iniciador da novela psicológica do que pelos seus vícios de estilo compendiados no termo ‘eufuismo’, modalidade inglesa do cultismo” (BANDEIRA, 1940, p. 589).

Ao tratar do gênero dramático, “aquele em que mais alto se revelou a força criadora dos ingleses na Idade de Elizabeth”, Manuel Bandeira cita Marlowe – “pai da tragédia e do verso solto ingleses e grande predecessor de Shakespeare” – e autor de *The Tragical History of Doctor Faustus*, *The Jew of Malta* e *Edward II*, passando depois a resumir a biografia da “maior figura da literatura inglesa”, William Shakespeare (BANDEIRA, 1940, p. 589).

Em rápida bibliografia, de apenas um parágrafo, o catedrático interino do Externato Pedro II enumera as seguintes obras: *Venus and Adonis* e os *Sonnets* (poemas); *The Comedy of Errors*, *Love’s Labour’s Lost*, *The Taming of the Shrew*, *The Merry Wives of Windsor*, *Much Ado About Nothing*, *As You Like it*, *Twelfth Night* e *Measure for Measure* (comédias); *Richard III*, *Richard II*, *King John*,

Henry IV, Henry V e Henry VIII (peças históricas de assunto inglês); *Julius Caesar, Hamlet, King Lear, Macbeth, Anthony and Cleopatra, Coriolanus, Troilus and Cressida e Timon of Athens* (tragédias históricas de assunto estrangeiro); *Romeo and Juliet, Othello e The Merchant of Venice* (tragédias inspiradas em crônicas italianas); *A Midsummer Night's Dream e The Tempest* – que “parece concentrar a suma das suas reflexões sobre a vida” – (“peças de difícil classificação”). (BANDEIRA, 1940, p. 589).

O autor ainda lembra que o teatro de Shakespeare – “como o de seus contemporâneos” Ben Jonson, Thomas Dekker, Francis Beaumont e John Fletcher – “não tem o equilíbrio de estrutura nem o gosto impecável de estilo da tragédia clássica francesa”, aparentando-se ao espanhol por ser “inteiramente autônomo da tradição clássica”:

O valor de Shakespeare está na sua incomparável força de imaginação poética, unida a fantasia mais alta a uma extraordinária acuidade de penetração na verdade mais funda das almas, na capacidade de insuflar vida a toda sorte de caracteres do presente e do passado, de pintar as grandes paixões em tipos que se tornaram como que os símbolos delas – o ciúme em Otelo, o amor em Romeu e Julieta, a avareza em Shylock, a maldade em Iago, a ambição em Macbeth, o orgulho em Lear, o amor filial em Cordélia, a dúvida em Hamlet, etc (BANDEIRA, 1940, p. 160).

CONCLUSÃO

Entre os historiadores pátrios, o que dedica mais espaço ao período elisabetano é Estevão Cruz, que na sua *História Universal da Literatura* (1936) despende quatorze páginas para falar do “período da Rainha Elizabeth”. Quem cita o maior número de escritores elisabetanos são os autores de *English Literature* (1937), M.S. Hull e Machado da Silva, que mencionam um total de vinte e nove nomes. Quando se trata de Shakespeare, o que dedica mais espaço é o mesmo Estevão Cruz – dez páginas –, que também apresenta a maior quantidade de obras citadas – trinta e nove. Quem fornece o maior número de peças atribuídas ao autor de *Hamlet* é Oscar Przewodowski (37), em *Origens da Língua Inglesa* (1920), que afirma terem sido elas produzidas entre 1584 e 1611.

Na caracterização do célebre bardo inglês, assim como na abordagem de sua obra – ou, mais precisamente, na relação entre sua biografia e sua obra, ou entre sua personalidade e a de seus personagens mais famosos –, a dívida para com o modelo taineano mais uma vez se manifesta, transparecendo até mesmo nos epítetos quase sempre elogiosos utilizados pelos autores brasileiros, que em alguns casos transcrevem parágrafos inteiros do historiador francês – *Resumo de História Literária* (1872) e *Literaturas Estrangeiras* (1936).

A biografia de Shakespeare, tão minuciosamente descrita – ou inferida, uma vez que muito pouco se sabe sobre a vida do maior dramaturgo elisabetano – por Taine – que por sua vez se utiliza das informações de três biógrafos ingleses: Halliwell, Crawley e Dyce – no capítulo 4 de sua obra, ganha destaque especial no *Resumo de História Literária* (1872), em *Origens da Língua Inglesa – sua literatura* (1920) – que tenta fazer uma relação entre as fases da biografia do autor e a época em que suas peças foram produzidas –, e na *História Universal da Literatura* (1936) – que fornece inclusive a data de casamento de suas duas filhas.

Quanto à questão da autoria de suas peças – não levantada por Taine –, o primeiro historiador pátrio a se manifestar é Afranio Peixoto, em 1932, no livro *Noções de História de Literatura Geral*, que põe em dúvida a sua existência e atribui suas obras a Bacon. Estevão Cruz, em 1936, na *História Universal da Literatura*, também se pronuncia a respeito do tema, referindo-se aos “inúmeros estudos e incontáveis pesquisas feitas sobre Shakespeare por espíritos eruditos” para descartar o que chama de “hipótese de Bacon”. Argumento semelhante é o de A. Velloso Rebello, em *Literaturas Estrangeiras*, obra publicada no mesmo ano de 1936, com a diferença de que, aqui, é citado o biógrafo Frank Harris. O último a dedicar algumas linhas sobre tal polêmica é José Mesquita de Carvalho, já em 1940, na sua *História da Literatura*, que não toma partido algum, limitando-se a reproduzir as duas posições contrárias.

RESUMO

Esta aula busca fazer uma apreciação crítica do modo como Shakespeare e suas obras são representados nos manuais brasileiros de história da literatura inglesa, observando o modo como os consensos e divergências foram sendo construídos. Da mesma forma, busca familiarizar o estudante com o texto shakespeariano, desmistificando assim suas dificuldades.



ATIVIDADES

Read carefully the sonnet below and then write an analysis fo the pœm in Portuguese (no more than one page):

Sonnet 130

My mistress' eyes are nothing like the sun

My mistress' eyes are nothing like the sun;

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Sonnet 130 is the poet's pragmatic tribute to his uncomely mistress, commonly referred to as the dark lady because of her dun complexion. The dark lady, who ultimately betrays the poet, appears in sonnets 127 to 154. Sonnet 130 is clearly a parody of the conventional love sonnet, made popular by Petrarch and, in particular, made popular in England by Sidney's use of the Petrarchan form in his epic poem *Astrophel and Stella*.

If you compare the stanzas of ***Astrophel and Stella to Sonnet 130***, you will see exactly what elements of the conventional love sonnet Shakespeare is light-heartedly mocking. In Sonnet 130, there is no use of grandiose metaphor or allusion; he does not compare his love to Venus, there is no evocation to Morpheus, etc. The ordinary beauty and humanity of his lover are important to Shakespeare in this sonnet, and he deliberately uses typical love poetry metaphors against themselves.

In Sidney's work, for example, the features of the poet's lover are as beautiful and, at times, more beautiful than the finest pearls, diamonds, rubies, and silk. In **Sonnet 130**, the references to such objects of perfection are indeed present, but they are there to illustrate that his lover is not as beautiful -- a total rejection of Petrarch form and content. Shakespeare utilizes a new structure, through which the straightforward theme of his lover's simplicity can be developed in the three quatrains and neatly concluded in the final couplet.

Thus, Shakespeare is using all the techniques available, including the sonnet structure itself, to enhance his parody of the traditional Petrarchan sonnet typified by Sidney's work. But Shakespeare ends the sonnet by proclaiming his love for his mistress despite her lack of adornment, so he does finally embrace the fundamental theme in Petrarch's sonnets: total and consuming love.

One final note: To Elizabethan readers, Shakespeare's comparison of hair to 'wires' would refer to the finely-spun gold threads woven into fancy hair nets. Many poets of the time used this term as a benchmark of beauty, including Spenser:

**Some angel she had been,
Her long loose yellow locks like golden wire,
Sprinkled with pearl, and pearling flowers atween,
Do like a golden mantle her attire,
And being crowned with a garland green. (Epithal).**

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- CARVALHO, José Mesquita de. **História da literatura**. Porto Alegre: Globo, 1940.
- CEVASCO, Maria Elisa e SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da literatura inglesa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- CRUZ, Estevão. **História universal da literatura**. Porto Alegre: Globo, 1936, 2 v.
- CRUZ, José Marques da. **História da literatura oriental, grega, latina, francesa...** São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- DURANT, Frei Theodoro (F.T.D.). **Literaturas estrangeiras**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d.
- FREITAS, Leopoldo. **Lições de literatura**. São Paulo: Tip. Magalhães, 1909.
- GOMES, Eugênio. **D.H. Lawrence e outros**. Porto Alegre: Globo, 1937.
- GOMES, Eugênio. **O Romantismo inglês**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1956.
- HULL, M.S. e Silva, Machado da. **English literature**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1946.
- MENDES, Oscar. **Estética literária inglesa**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- NEVES, Sylvio. **Postais ingleses**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Campinas: Pontes, 2015.
- PEIXOTO, Afranio. **Noções de história de literatura geral**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. **Resumo de história literária**. Rio de Janeiro: Garnier, 1872, 2 v.
- PRZEWODOWSKI, Oscar. **Origens da língua inglesa - sua literatura**. Rio de Janeiro: Rodrigues & C, 1920.
- REBELLO, A. Velloso. **Literaturas estrangeiras**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936.
- RIBEIRO, Walter Fontenelle. **História da literatura universal**. São Paulo: Casa da Boa Imprensa, 1939.
- SENA, Jorge de. **A literatura inglesa: ensaio de interpretação e história**. São Paulo: Cultrix, 1963.
- STEVENS, Kera e MUTRAN, Munira H. **O teatro inglês da Idade Média até Shakespeare**. São Paulo: Global, 1988.
- VIZIOLI, Paulo. **A literatura inglesa medieval**. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

GLOSSÁRIO

Vitorianos: Eis a divisão periodológica adotada pelo autor: Velho Inglês (p. 88-89); Inglês Medieval (p. 89-92); Inglês Moderno – O Renascimento (p. 92-98); O Séc. XVII (p. 98-99); O Séc. XVIII (p. 100-101); O Séc. XIX (p. 102-104).

Livraria Francisco Alves e Paulo de Azevedo & C em 1931: O que nos leva a crer que tal livro tenha sido publicado pela primeira vez em 1931 é o fato de haver, no final, uma propaganda de inauguração do monumento do Cristo Redentor, cujo texto, assinado por Plínio Salgado, data de 11 de outubro do mesmo ano.

The Age of Chaucer A divisão periodológica adotada pelos autores é a seguinte: The Age of Chaucer (p. 9-12); The Age of Malory (p. 12-15); The Age of More (p. 15-18); The Age of Shakespeare (p. 18-23); The Age of Milton (p. 23-28); The Age of Dryden (p. 28-31); The Age of Pope (p. 31-36); The Age of Johnson (p. 36-40); The Age of Wordsworth (p. 40-44); The Age of Tennyson (p. 45-49); The Age of Kipling (p. 49-55).

F.T.D: A divisão periodológica adotada pelo autor é a seguinte: primeiras manifestações literárias (p. 382-384); o séc. XIV (p. 384-385); a era elisabetana – séc. XVI (p. 385-391); a época dos Stuart (p. 391-395); o classicismo – o período de Maria Ana (p. 396-401); romantismo / vitorianismo (p. 401-411); o pré-rafaelismo (p. 411-413); os escritores vitorianos (p. 413-417); os eduardianos (p. 417-418); jorgeanos e contemporâneos (p. 419-427).